

MÓIN-MÓIN

REVISTA DE ESTUDOS SOBRE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS:
MIGRAÇÕES, DIÁLOGOS INTERCULTURAIS

Florianópolis, v. 1, n.31, p. 80 - 97, jun. 2025

E - ISSN: 2595.0347

A trilha dos Cassimiros que atravessavam divisas

Tácito Borralho e Bruno de Oliveira

Universidade Federal de Maranhão - UFMA (Maranhão, BR)



Figura 1 – Casemiro Coco de Fernando Lee em ação. Foto: Acervo dos autores.

DOI: <https://doi.org/10.5965/2595034701312025080>

A trilha dos Cassimiros que atravessavam divisas¹

Tácito Borralho² e Bruno de Oliveira³

Resumo: Neste breve estudo aproprio-me de textos por mim e por outros estudiosos já produzidos a partir de pesquisas anteriores, para procurar traçar os caminhos dos cassemireiros que chegaram ao Maranhão, com a intenção de oferecer dados capazes de propiciar o entendimento de como se deu a migração do boneco Cassimiro Coco do Nordeste para o Meio Norte, e, especialmente, como esse boneco consegue se manter presente em espetáculos de toldas de artistas populares maranhenses.

Palavras-chave: Maranhão; Migração; Cassimiro Coco; Cassimireiros; Boneco.

The trail of the Cassimiros who crossed borders

Abstract: In this brief study, I have used texts written by myself and other scholars based on previous research to trace the paths of the cassimireiros who arrived in Maranhão, with the intention of offering data capable of facilitating an understanding of how the Cassimiro Coco puppet migrated from the Northeast to the Mid-North, and especially how this doll managed to remain present in the tent shows of popular artists from Maranhão.

Keywords: Maranhão; Migration; Cassimiro Coco; Cassimireiros; Puppet.

¹ Data de submissão do artigo: 23/04/2025 | Data de aprovação do artigo: 09/06/2025.

² Tácito Freire Borralho (Tácito Borralho) possui Mestrado em Teatro (USP). Doutorado em Artes (USP). É professor Associado da Universidade Federal do Maranhão (aposentado). Professor Emérito pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA. Docente colaborador nos programas de Pós-Graduação, PROFARTES – MA e PPGAC (Teatro). É dramaturgo, membro da Associação de Dramaturgos do Nordeste. Diretor Teatral. Dirige a Companhia Oficina de Teatro – COTEATRO. Foi fundador do Laboratório de Expressões Artísticas-LABORARTE (1972) Foi fundador da Companhia Oficina de Teatro – COTEATRO (1989). Criador do Centro de Artes Cênicas do Maranhão – CACEM. Bonequeiro, foi presidente da Associação de Teatro de Bonecos -AB TB/Centro UNIMA-Brasil Atua como intérprete em Teatro, Cinema e TV. Foi presidente da Confederação Nacional de Teatro Amador – CONFENATA. Coordena como voluntário o Projeto de Extensão Casemiro Coco DEARTC/CCH-UFMA (na área de Teatro de Animação). É Comendador do Mérito Timbira (Estado do Maranhão). Participa dos Grupos de Pesquisa: Memória da Dramaturgia Amazônica – Construção de Acervo Dramatúrgico, da Universidade Federal do Pará; Poéticas Cênicas – Visuais e Performativas da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho; Pedagogias do Teatro e Ação Cultural da Universidade Federal do Maranhão; coordena o Grupo de Pesquisa A máscara na Cultura Popular da Universidade Federal do Maranhão É membro dos Conselhos Editoriais da MÓIN-MÓIN – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas e da Revista MAMULENGO – da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos. E-mail: tf.borralho@uol.com.br / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9202-5971>

³ Bruno Oliveira Da Silva, nascido em São Luis/MA, é Graduado em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão (2021) e Mestrando em Artes pela Universidade Federal do Maranhão, professor de teatro, ator, bonequeiro e pesquisador. Vinculado desde (2009) a Secretaria Municipal de Cultura - SECULT-MA. Professor de artes e pesquisador em Arte e Cultura Popular- Casemiro Coco - UFMA. É integrante da Companhia Oficina de Teatro (COTEATRO-MA). E-mail: bruno.ratay1988@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0009000317481373>

CASSIMIOS E CASSIMIREIROS

(Versos de apresentação do boneco)

“Sou Cassimiro Coco,⁴
Nasci na Terra do Oco,
Cabra que nunca morreu,
E nem tem inveja de quem morre.”

“Eu sou Cassimiro Coco,⁵
Nascido na Terra da Berdoégua,
Sou cana verde que enverga,
Mas não quebra”.

Fazendo uma breve revisão do artigo intitulado “Casemiro Coco”, publicado na Revista Móin-Móin de número 3, do ano de 2007, cumpre-me atualizar dados que ali se encontram, que traziam a seguinte redação:

O brinquedo se estabeleceu no Maranhão durante a segunda metade do século XX, realizado predominantemente por cearenses. Paradoxalmente hoje ainda se encontram no interior do Maranhão, bonequeiros/mágicos cearenses com idade inferior a 60 anos. Ao mesmo tempo, se constata que famílias de extrativistas maranhenses se fixaram no estado de Roraima como Cassimireiros. Assim, cabe a afirmação de que o Cassimiro Coco é um títere nômade porque migrou de algum ponto do Nordeste (Paraíba?) para o Ceará, depois migrou para o Maranhão e posteriormente para Roraima” (Borrvalho, 2007, p. 148).

Quando uma equipe do Projeto de Extensão Casemiro Coco, da UFMA, empreendeu uma pesquisa sobre a trajetória do brinquedo em 2008, deparou-se com uma situação bastante curiosa, em Boa Vista, Roraima. Tinha-se notícia de que um seringueiro maranhense passou por lá e brincou com Cassimiro Coco, mas não se soube mais do seu paradeiro. Enquanto isso, jovens amadores de teatro, passaram a brincar com bonecos de luva e os chamavam de Cassimiro, porém nem aparentavam no formato, ou no modo de brincar, com o boneco tradicional.

⁴ Colhido por Maxlow Furtado, *in*: TCC- Graduação/UFMA – 2006, p. 16.

⁵ Informação de Chagas Vale, Parnaíba, PI, 2008.

Continuando a leitura do artigo de Borralho (2007, p. 149), ele descreve: “Conhecido como Cassimiro Coco na Paraíba e vizinhanças o “Casemiro Coco”, como também o conhecemos no Maranhão, é apresentado como personagem negro”. Ainda, na sequência, fala que Altimar Pimentel, discorrendo sobre João Redondo e analisando a personagem “Preto Benedito”, afirma que:

Esta é figura síntese de um grupo de indivíduos, não - apenas gente de cor, mas como as pessoas humildes da região em geral - Benedito é herói popular que até pelo nome, está próximo do grupo humano que representa. (Pimentel, 1988, p.13)

Borralho ainda discorre em seu artigo:

Como outros personagens do teatro de boneco popular brasileiro, certamente o Cassimiro Coco veio da linhagem do Karagóz turco, e que, transcorrendo o universo Islâmico, difundiu-se durante a Idade Média por toda a Europa e se adaptou a cada região na qual chegava. Adotou tipo, nome e até enredo próprio, sem perder as suas características e estruturas iconoclastas que exibem a mesma linha psicológica. Ele apenas adequou os comportamentos, hábitos, à escultura anfitriã, como por exemplo: na Itália se chama Pulcinella; na Espanha, Don Cristóbal; na Inglaterra Punch e na França Guignol. [...] Não existe grande diferença entre as apresentações do Cassimiro Coco do Maranhão e as encontradas em outros estados do Nordeste (Ceará, Paraíba etc.), assim como no Meio Norte e no Norte. Além disso, a brincadeira de um Cassimiro Coco pode ser descrita da mesma forma que Altimar Pimentel relata uma brincadeira de João Redondo. (Borralho, 2007, p.150).

Segundo Hermilo Borba Filho:

Os mamulengueiros se especializam nas farsas[...] Mas o motivo principal do riso, nos mamulengos, reside no fato de apresentar personagens que são quase sempre inferiores aos assistentes e quando não, como no caso de Benedito, professor Tiridá e Cabo 70, encarnações daqueles sentimentos de coragem, habilidade, capacidade de enganar o próximo. Isto satisfaz o homem do povo, cansado da luta diária, amargurado pela carestia da vida, dominado pelos ricos. Quem ri é uma pessoa diferente daquela que faz rir (Borba Filho, 1987, p. 229).

Para Ângela Escudeiro Coelho, Mamulengo é um boneco brasileiro surgido em Pernambuco com características bem regionais. De acordo com Martin Gonçalves em publicação da Revista Mamulengo nº1, da ABTB de 1973, página 36.

É uma manifestação Nordestina ligada às crenças populares e à tradição. O termo brincadeira protege elementos vinculados à tradição dos folguedos ibéricos sendo sobejantes da Commedia dell'Arte (Coelho, 2007, p. 19 - 20).

Em vista disso é importante que se observe a veracidade histórica de que esse boneco de luva com todo um perfil que se assemelha ao Karagoz e aos outros, que se espalharam pelo mundo todo, até chegar ao Brasil, e talvez, seja importante que se admita o que fala Coelho (2007): que esse teatro do Mamulengo é um teatro brasileiro e que o Mamulengo seja um boneco bem brasileiro.

Na verdade, ele pode ter a estrutura e a forma de vários personagens, com nomes diferentes. São certamente os espetáculos brincados que vão titular esses bonecos como personagens. Importante também entender que o boneco é um objeto dramático, podia-se dizer, mas um objeto inerte, que, ao ser animado através do seu operador, adquire uma semelhança gestual e até emocional de um ser vivo, não como uma caricatura, mas com traços e movimentações muito similares e verossímeis do gestual e ações humanas.

Então é impossível negar uma possibilidade de resultado migratório desse boneco, por que, não é o boneco em si, que lá dentro da maleta, está migrando, mas a migração é do bonequeiro, do mamulengueiro, do mestre; daquele que realmente tem sua maleta e tem o seu espetáculo, e tem as suas personagens imobilizadas, naquele sono de inércia ou naquele projeto inanimado, que ao se contaminar com uma plateia, com um público de qualquer espécie, em qualquer lugar, ele vai realmente ser provocado por uma dinâmica de “estrebuchamento” e movimentar-se, e realmente se comunicar, não mais como um ser inanimado, mas como algo que se aproveita da voz, da energia e do gesto de quem o conduz, para estabelecer um diálogo de comunicação e informação com esse público.

Os mestres que por aqui trilharam

Ao se tentar entender em que momento, mesmo sem precisar ou determinar um período ou época, aconteceu o maior fluxo de migração do

brinquedo do Cassimiro para o Maranhão e para além desse Estado, esbarra-se numa crucial escassez de informações.

Suspeita-se que o material coletado pelas últimas pesquisas deixa antever que esse fluxo migratório pode ter sido em maior escala, se levarmos em consideração a grande seca que assolou o Nordeste de 1917 a 1933, provocando a impressionante leva de nordestinos, principalmente piauienses e cearenses, em busca de terra propícia para a lavoura, ou, ainda, a instalação do ciclo da borracha, que consome muita energia dessa população nordestina e meio nortista, nos seringais amazônicos, entre 1942 e 1945.

Considere-se que em ambos os casos, em suas bagagens, esse povo levava consigo suas memórias, suas práticas culturais, suas formas de expressão artística e de diversão. Porém, infelizmente, não se encontra nenhum registro que aponte a atividade de bonequeiros nordestinos instalados no Maranhão, ou em rota de passagem para a Amazônia.

Buscando traçar um panorama dessa migração, especialmente no estado do Maranhão, podem-se encontrar alguns depoimentos que assevera determinar datas de chegada de cassimireiros, sem, no entanto, poder assegurar datas de retorno para seus estados de origem, apesar de em alguns relatos constarem esse fato.

O período mais fecundo desse aparecimento de cassimireiros foi de 1940 a 1985, tendo-se informação de que seus aprendizes começaram a se manifestar a partir de 1960.

A partir de depoimentos desses bonequeiros ou de cidadãos que os conheceram, pode-se traçar uma linha de raciocínio do quanto foi impactante a chegada do brinquedo e de como impressionar pessoas, que mesmo muito jovens, passaram a se interessar por imitá-los e assim, produzir e brincar com os próprios bonecos.

Chama a atenção o envolvimento de uma mulher nesse universo notadamente masculino, e dentre as ocorrências de maior impacto estão o “botar” o brinquedo e parar de “botar”, e as principais razões e motivações, que vão desde o encantamento pelo boneco, afluência de público, e a decepção do

afastamento desse público com o advento da luz elétrica e a chegada da televisão, ou, ainda, por necessidade de buscar uma profissão mais rentável, já que as levantadas durante a pesquisa, que davam suporte aos cassimireiros eram: palhaço, outros tipos de artes circenses, mágico, eletrotécnico, mecânicos de máquina de costura e técnico de rádio e TV.

Faz-se necessário registrar que a referência de idade cronológica das pessoas aqui citadas se atém às informações que foram coletadas durante as pesquisas dos anos 2004, 2005 e 2008.

Zé Boneca (José Francisco), cearense, de cerca de 50 anos de idade, residente em Zé Doca, Maranhão, falou que foi contactado para mostrar seus bonecos a uma equipe da Secretaria Estadual de Saúde, em 2003, mas ficou envergonhado e jogou sua maleta no mato alegando estar destruída por cupins.

É compreensível que o cassimireiro sentisse certa vergonha ou chegasse a sentir desprezo pela profissão de bonequeiro, ou mesmo, uma grande insegurança diante da busca realizada por funcionários públicos, o que na verdade o intimidou e fez com que ele, sentindo vergonha dos seus bonecos, achando que eram precários e inapropriados, talvez feios, toscos, ele preferiu descartar a maleta, jogar fora, pôr no mato.

Entretanto, para uma equipe formada por um grupo de teatro dirigido por Sandra Cordeiro, ele mostrou um aparelho de mágica e disse que quando se apresentava, botava bonecos e fazia mágica. Naquela época, praticava o ofício de lavrador, e disse do seu desgosto de Cassimireiro: “hoje em dia ninguém quer saber mais dessas coisas”, o que o fez deixar de botar a brincadeira.

Os dados coletados por Cordeiro ainda registraram as informações do senhor Francisco, da cidade de Pedreiras, afirmando que seu Manuel Flandeiro, que exerce ofício de funileiro, no município de Trizidela do Vale, brinca com Cassimiro Coco desde 1960, quando veio do Ceará.

Na década de 1960, tem-se notícia de brincadas no povoado do Mato Grosso, próximo ao povoado do Leite, no município de Vargem Grande; em 1995, no povoado Cajueiro no município de São Mateus.

O senhor Arcanjo Barroso Lima, 66 anos, cearense, residente em Barreirinhas, informa sobre um bonequeiro pernambucano que botava boneco naquele município e era conhecido como “Pipoca”. Seus bonecos eram feitos de cortiça, não obedeciam a qualquer padrão e havia um personagem nada turífero, mas heróico, apesar de incauto, o Cassimiro Coco, que com a sua mulher Chiquitita, incendiavam qualquer assistência.

Os aprendizes que ficaram⁶

Domingos Benedito Pereira, com a idade de 75 anos em 2008, lavrador de profissão, hoje aposentado, nascido em Ponta de Santana, no município de Pinheiro, Maranhão, disse que aprendeu a arte de Cassimiro Coco com um piauiense chamado Antônio Murrada, que na época tinha uns 40 anos. Quando ele o conheceu, ainda era rapaz e as apresentações do Murrada aconteceram no povoado de São Raimundo... O Murrada se apresentava com uma artista chamada Miss Lelé. Ele me “catalisou” todo, me botou pra trabalhar com ele, me botou máscara e eu fiz palhaço.

Falando sobre Seu Domingos, Seu Lourenço Pinto diz: “ele é daqui mesmo, ele anda demais, mas hoje ele tá aqui no bairro. Ele vive disso aí, pelos interiores”.

O Seu Domingos explica como manipula seus bonecos: “faço espetáculo em uma empanada meto Casimiro e uma mão e a Maria Quitéria na outra mão”. Durante a conversa ele acrescenta que o Cassimiro Coco tem ouvido, mas não houve, têm boca, mas não fala. “Eu falo por ele”. Diz que Cassimiro Coco é brigador, dançador e namorador. “Preto que quebra coco, vende coco, briga muito e namora pouco”. Falou que trabalhou com um senhor chamado Filoscênio que brincava Cassimiro Coco ali em Santa Helena e morava em Turilândia,

⁶ Dados levantados durante a pesquisa realizada pelo Projeto de Extensão Casemiro Coco-DEARTC/UFMA, para a publicação da Brochura *Trajatória e resgate do boneco popular do Maranhão – 2008*.

Maranhão, cidade vizinha. Quando ele morreu a sua mulher veio vender para Seu Domingos os bonecos, mas ele não comprou.

Os bonecos de Domingos Artista (como ele prefere ser chamado) são confeccionados de madeira, de escultura e pintura bastante simples, possuem cabeça achatada para facilitar nas pancadas de cabeça com cabeça durante a briga, o corpo é feito de tecido do mesmo estilo dos mamulengos; os personagens da brincadeira são Cassimiro Coco, Maria Quitéria, Sargento Cancão de Fogo, Capitão Furgêncio, Oscano, Chico Tripa e Padre João Moita Maracajá.

As “palestras”, como ele denomina o texto falado no espetáculo, são feitas por ele ou “tiradas” de outro bonequeiro, mas diz que sempre “intera” mais.

Toma muito cuidado com o mistério em volta do espetáculo. “O boneco é segredo”, diz ele, procurando o melhor local para estender a empanada. “Em círculo não presta. Tem que ser no canto, para ficar mais protegido”. Assim foi visto o espetáculo de Domingos Artista, o mesmo “Prego na venta”.

Em outros registros que Sandra Cordeiro fez, constam, por exemplo, o depoimento de Dona Joana Pantaleão (em 1997), 69 anos, em Vargem Grande:

“Meu irmão, Antônio Araújo Pantaleão, na década de 1940, aprendeu a botar boneco com meu pai, José Roque Pantaleão, que era marceneiro em Riacho da Cruz, Vargem Grande. Antônio, desde menino desenvolveu suas próprias técnicas de confecção e manipulação dos bonecos. Seus bonecos tinham corpo totalmente articulados e executaram com perfeição os movimentos humanos. Antônio gostava de construir seus bonecos de buriti por ficarem mais leves, porém os que eram mais resistentes eram construídos com o corpo de madeira e a cabeça de coco babaçu. Esses bonecos assim construídos geralmente eram negros e chamados de Cassimiro Coco. Não se pode afirmar com exatidão a razão desse nome. Lembro-me bem que por volta de 1940, Antônio apresentou sua trupe na cidade de Urbano Santos, composta dos bonecos: Cassimiro Coco, Chico Tripa, Miliquinha, Josefina, entre outros”. (Cordeiro, 2005, p. 38).

No município de Coroatá, Manuel do Cassimiro (ou Manuel da Boneca), por informações dadas por “Supertino” (ou José Cupertino de Sousa), sobre um cassimireiro que ele conheceu quando acompanhava seu pai, também botador da brincadeira. Segundo ele, também existe uma pessoa que botava boneco

em Codó, chamado Fernando, e outro em São Mateus, chamado pelo apelido de Quebra-Queixo, por vender essa iguaria por lá. Em Codó, foi encontrado Fernando Lee, bonequeiro ativo na profissão que contribuiu para o melhor entendimento sobre a brincadeira e sobre seus bonecos.

No povoado Mata Fome, município de Bacabal, o senhor José do Cassimiro, de apelido Cabeludo, não quis falar sobre a brincadeira. Os vizinhos confirmaram que ele botava um boneco, mas ele não quis comentar nem mostrar seu material.

No município de Arame, foi encontrado um senhor chamado Avelino de Souza conhecido como “Gravatinha” que já havia colocado a brincadeira, mas não botava mais.

No município de Lago da Pedra, o bonequeiro conhecido como “Velho da Laranja (Sr. Francisco Fernando Carneiro) estava viajando e sua esposa e os filhos estavam lá, mas não deram informações sobre a brincadeira.

No município de Trizidela do Vale, houve um encontro com o bonequeiro Manoel Flandeiro (Manoel Firmino), como é conhecido, consertador de máquina de costura, uma das várias habilidades que possui. De início ele foi logo direto: “mas de que boneco quer saber? os bonecos estão tudo na televisão”. Manoel Firmino, de 75 anos, que tem naturalidade cearense, veio para o Maranhão na década de 1940 para morar em Poço de Pedras, no povoado de Folgado. No início da vida por lá, começou a brincar com boneco. E quando interrogado com quem aprendeu o brinquedo, ele disse que não se lembrava de como começou seu envolvimento com Cassimiro Coco e que quando percebeu, já estava envolvido com o ofício de bonequeiro.

No município de Miranda do Norte, seu Bibi (Benedito Monteiro Bezerra), esclareceu que já se passava muito tempo desde a última vez que ele botou o Cassimiro. Na época da entrevista, ele já tinha 75 anos de idade, sendo que assistiu às primeiras apresentações do Cassimiro quando tinha por volta de oito anos de idade. Perguntado sobre a pessoa que lhe ensinara a botar o boneco, afirmou ter aprendido apenas assistindo algumas poucas apresentações realizadas por um “grupo de fora”, que se apresentou na cidade, nos idos dos

anos 1940. Disse também não saber de onde viera o tal grupo e que este se apresentava nas casas de algumas famílias que o contratava.

Disse ainda que ele mesmo se vestia de palhaço e saía anunciando as apresentações.

Como as apresentações acontecem à luz de lamparina, surgiu a possibilidade da utilização de outro recurso cênico desconhecido até então para o próprio menino Benedito, o Teatro de Sombras. Segundo ele comenta, utilizando-se da sua intuição, e de bastante dedicação, Benedito foi aos poucos conhecendo as possibilidades que as sombras lhe ofereciam. Com isso, o seu boneco Cassimiro Coco passou também a interagir com a projeção da sombra da “tal” onça e de um “valente” cachorro, confeccionados em papelão.

Ao final, o senhor Bibi afirmou que somente deixou de botar Cassimiro quando precisou por volta dos 17 anos de idade, para ir para São Luís, aprender o ofício de alfaiate, profissão que exerce até hoje.



Figura 2 - Bonecos de Fernando de Lee. Foto: Acervo dos autores.

Mestres que por aqui passaram

Na tentativa de registrar fidedignamente esse trajeto migratório dos cassimireiros que vieram para, ou ficaram, no estado do Maranhão, só podemos ter certeza de dois que não se estabeleceram por muito tempo.

Antônio Murrada tinha 40 anos na época, veio do Piauí. Apresentou-se no povoado de São Raimundo no município de Santa Helena, uns 30 anos atrás.

Manuel do Cassimiro (o Manuel Boneca), informado por “Supertino”, que brincava em Coroatá, na sede, veio do Piauí.

Mestres que por aqui ficaram

Enquanto isso, outros mestres aqui se estabeleceram e continuam até deixar de botar o brinquedo.

Zé Boneca (José Francisco) 50 anos, lavrador, deixou de botar o brinquedo por desgosto. Veio do Ceará e foi morar em Zé Doca, Maranhão.

Velho da Laranja (seu Francisco Fernando de Carneiro) Vive em Lago da Pedra, Maranhão. Veio do Ceará.

Do Ceará também, Manuel Firmino (Manoel Flandeiro), 79 anos, veio para o Maranhão na década de 1940, para morar em Poção de Pedras, no povoado de Folgado. Ali começou a brincar Cassimiro, muito novo, mas não lembra por quem e com quem e por que se meteu com isso.

José de Ribamar da Conceição Nascimento (José Manuel), de 43 anos, (não indica procedência), conheceu o cassimireiro Fuloscênio, cearense, que veio de São Joaquim e foi morar em Santaninha e depois, veio para a Turilândia quando ainda se chamava Pilões.

Raimundo Nonato Santos, 77 anos, músico que acompanhou a brincadeira, aos 16 anos, fala que o Quebra-Queixo, cearense que foi morar em São Mateus, fez uma apresentação em Codó, nos bairros de Massaranduba, Trizidela e Rua da Coréia. O acompanhamento era de banjo, tambor, pandeiro e sanfona.

Seu Severino Nery do Nascimento 75 anos afirma que muitos passavam por lá, pelo Barro Vermelho, em Poção de Pedra, com seus Cassimiros e ele se dispunha sempre a ajudar a armar a tenda, até mesmo a manipular os brinquedos. Afirma não ser bonequeiro, mas “um pau para toda obra, do povoado”. Seu Severino é de Viçosa, Ceará e chegou ao Maranhão na década de 1950, para trabalhar.

Aprendizes maranhenses de cassimireiro

Raimundinha de seu Eliseu (Raimunda da Silva) fala que há muito tempo viu os bonecos na casa de dona Maria da Paz e que seu filho Chagas, já falecido, quando criança, também começou a brincar com Cassimiro Coco, lá para os anos de 1960. Então, Chagas, era aprendiz de dona Maria da Paz, bonequeira, Cassimireira maranhense.

Dona Maria da Paz aprendeu com um grupo de pessoas que “veio de fora” em 1962 e essas pessoas se apresentaram no Cine Teatro da cidade de Buriti, e ninguém sabe, ou lembra de onde vieram. Maria da Paz parou de botar boneco, em virtude de um gradual desinteresse das pessoas, em especial das crianças, pelas apresentações. Mas isso se deu, segundo ela, em virtude e principalmente, por causa do surgimento da televisão. Ninguém se interessou mais em vir assistir quando ela botava o brinquedo. Quando ainda não tinha a luz elétrica, era com lamparina que acontecia. Não cobrava ingresso. Ela aprendeu sozinha, só olhando o “grupo de fora”. Ela fazia seus bonecos de talos de buriti. Dona Maria da Paz aprendeu a botar bonecos, ainda na adolescência. Em seus espetáculos repetia um verso do Cassimiro em todas as apresentações: “Eu sou Cassimiro Coco, nascido na Terra do Oco, se você não respeitar, vai levar um soco”. Ela tinha histórias planejadas, mas também improvisava.

Domingos Benedito Pereira, 75 anos, lavrador aposentado, nascido em Ponta de Santana, Pinheiro, Maranhão, também chamado de Prego na Venta, brinca em Santa Helena e região.

Supertino (José Cupertino de Souza), 57 anos, repentista, cantador de viola e fotógrafo, acompanhava seu pai que também botava boneco. É de Coroatá. Ali, no povoado de Macaco, os bonequeiros apenas passavam por lá.

Fernando Lee, bonequeiro na ativa, na época da entrevista prestada para a pesquisa de composição da brochura de 2008.

Quebra-Queixo (João Domingos Jerônimo), tinha essa alcunha porque vendia esse doce, em São Mateus do Maranhão, e não brinca desde que adoeceu. O filho de Quebra-Queixo também botava boneco, mas parou fazia muito tempo.

José do Cassimiro (o Cabeludo), de Bacabal, povoado Mata Fome, migrou para Pio XII, Maranhão.

Avelino de Souza (Gravatinha) já brincou, não brinca mais, em Arame, Maranhão.

Antônio Barbosa, de Bacabal.

Manuel Firmino (o Manoel Flandeiro), de 75 anos, em Trizidela do Vale, não lembra por que e nem com quem aprendeu o Cassimiro Coco.

Cláudio, chamado Neto Suzana, de Buriti, povoado de Barra Nova, apenas confeccionava os bonecos de dona Maria da Paz, que botava Casemiro em Buriti nas décadas de 1960 a 1970 como bonecos feitos de madeira de buriti.

Seu Bibi (Benedito Monteiro Bezerra) botou boneco quando era criança. Agora, durante a pesquisa, tem 75 anos.

Depoimentos de pessoas que conheceram a brincadeira e o os brincantes

Maria de Fátima, 45 anos, de São João do Sóter, povoado de Pedra, fala que viu os bonequeiros. Vinham do Ceará e Piauí.

Severo Chaves, 64 anos, povoado de Santaninha, município de Turiilândia, contou sobre as brincadeiras que assistiu, mais ou menos, 30 anos atrás.

José de Ribamar da Conceição de Nascimento (Zé de Manoel), 43 anos, município de Turilândia, Maranhão: “outras brincadeiras não tinham”.

Raimundo Nonato Santos, 57 anos e Tomás Passos, 65 anos, moradores de Coroatá, falam da brincadeira de Antônio Barbosa, de Bacabal.

Sandra Cordeiro também fala que recolheu notícias de um casal de bonequeiros que morava e botava a brincadeira no interior de Coroatá, no povoado de Macaco. O senhor Antônio Pereira de Nascimento conta que viu a brincadeira e relata que “dia da apresentação era um dia de festa, todo mundo ia bem arrumado”.

Ainda, Sandra Cordeiro (2004, p. 24), fala que Dona Maria Francisca de Sá, hoje com 48 anos, relata que por volta de 1969, quando tinha 13 anos, no município de São Benedito do Rio Preto, apareciam famílias fazendo apresentações. Anunciavam: vai ter espetáculo hoje na casa de fulano de tal... era com palhaço gritando na rua e convidando o povo. No espetáculo tinha Cassimiro Coco e Zulmira, sua mulher.

Severo Chaves, 64 anos, falou da brincadeira há 30 anos. Ele é de Turilândia, povoado Santaninha.

Zé Manoel (José Ribamar da Conceição Nascimento), 43 anos, conheceu Fuloscênio, que veio de São Joaquim e foi morar em Santaninha. De lá, veio para Turilândia quando ainda se chamava Pilões.

Raimundo Nonato Santos, 57 anos, de Coroatá, músico que acompanhou a brincadeira, aos 16 anos, fala que o Quebra-Queixo, que foi morador de São Mateus, fez muitas apresentações em Coroatá, nos bairros Massaranduba, Trizidela e Rua da Coréia.

Tomás Pessoa, 65 anos, fala que viu brincar com Antônio Barbosa, de Bacabal.

Dona Raimundinha de Seu Eliseu (Raimunda da Silva) fala que há muito tempo viu os bonecos na casa de dona Maria da Paz e seu filho Chagas, já falecido, quando criança, também começou a brincar com Cassimiro Coco lá para os anos de 1960,

Em Magalhães de Almeida, Dona Conceição, confirmou que conheceu o Cassimiro Coco, quando ela morava na ilha das Canárias, localizada no município de Araiões, Maranhão, onde, além de seu pai contar as histórias da brincadeira, outras pessoas “de fora” sempre chegavam por lá, vindo talvez de Parnaíba, Piauí, para fazer apresentações dos bonecos, dentro da única escola existente por lá, por volta de 1970.

O marido de dona Conceição, seu Antônio Filho, cerca de 50 anos de idade, afirmou que a própria cidade de Magalhães de Almeida recebeu a visita desta companhia (como eles mesmos definiram o tal grupo). Lembrou também de quando mais novo, um velho morador da cidade de nome Gaspar, que apresentava “todas as atrações do mundo que você imaginasse”, disse, inclusive o Cassimiro Coco, segundo declarou o velho Sr. Gaspar. No entanto, passou a morar em Luzilândia no estado vizinho, o Piauí. Seu Antônio não soube, porém, informar com quem este senhor havia aprendido o ofício e declarou: ele fazia toda a coisa também no picadeiro. Ele era o palhaço Pino. Ele é filho daqui.

Alguns outros cassimireiros que brincavam no Maranhão

Jonas Barbosa “O Laranjeira” (de Coroatá/1955); Antônio Mineiro (de Caxias/1980); “Seu” Oliveira, bonequeiro, mágico e ventríloquo (São Luís/1982); Laurentino Boneca, bonequeiro e mágico (de Itapecuru/1933); “Tiragosto” bonequeiro, mágico e ventríloquo (em Brejo/1985); Zé Boneca, bonequeiro e mágico (de Zé Doca/2003) Futuca-rapaz, Cassimiro Coco da Serra da Meruoca – “o que enverga mais não quebra” (Vargem Grande /2006); Zé do Rádio, bonequeiro e palhaço (Belágua/2006).

As cidades onde uma ou mais vezes aconteceram ou acontecem apresentações do brinquedo são:

São Luís (preferia urbana e zona rural), Humberto de Campos, Pedreiras, Esperantinópolis, Vargem Grande (e povoados), Codó, Coroatá, Zé Doca, Trizidela do Vale, Barreirinhas, São Benedito do Rio Preto, Urbano Santos, Caxias, Itapecuru Mirim, Brejo, São Mateus, Belágua. Cidades localizadas nas

Mesorregiões do Norte do Maranhão (Microrregião dos Lençóis Maranhenses); Mesorregião do Centro Maranhense e Mesorregião do Leste Maranhense, onde há grande abundância de água e solo fértil, o que de fato atraíram e fizeram estabelecerem-se esses bonequeiros lavadores nordestinos.

Algumas sementes que brotaram

No Maranhão, a ideia do Cassimiro Coco, a lembrança desse boneco, resistência ou tentativa de preservação de pelo menos do nome e do formato do boneco, tem tido uma constante busca e estudos, mesmo entre aqueles que não tiveram oportunidade de presenciar uma brincadeira de um cassimireiro, mas se debruçam sobre os poucos registros escritos ou raras imagens de vídeos.

Assim, ocorreu com a dianteira da provocação tomada pelo grupo LABORATE, na década de 1970 (e pela tentativa dos integrantes atuais de realizar espetáculos de Cassimiro Coco), que chegou a incentivar o envolvimento da atriz, palhaça, bonequeira e hoje Professora Mestre, pela UNB, Sandra Cordeiro, que, por sua vez, influenciou a bonequeira Silvana Cartágenes. Ambas participam ativamente das ações do Projeto de Extensão Casemiro Coco – UFMA. A primeira como fundadora e a última, atualmente, como voluntária.

Últimas reflexões

É necessário acrescentar ainda uma reflexão bastante coerente. Bonequeiros artistas que se empenham em produzir espetáculos de bonecos populares e principalmente, na feição e ritmo de apresentação do Cassimiro Coco, mesmo com bonecos construídos com material e formato mais atuais, não se distanciam muito da ideia do brinquedo popular.

O laboratório de Teatro de Animação da Universidade Federal do Maranhão se encarregou de experimentar a confecção, utilização e forma de animação de um boneco construído a partir de uma garrafa pet, objeto descartável, e transformar naquilo que o Projeto de Extensão “Casemiro Coco” resolveu denominar de “Casipet”, um tipo de boneco de luva especial para ser

utilizado além de objeto estético de espetáculo, também como instrumento pedagógico, e vem desenvolvendo um estudo de utilização desse boneco Casipet, na educação.

Dessa forma temos certeza da presença do Cassimiro Coco no estado do Maranhão preservada por artistas e educadores.

Bibliografia

BORBA FILHO, Hermilo. **Fisionomia e espírito de mamulengo**. Rio de Janeiro: INACEN, 1987.

BORRALHO, Tácito Freire. **O Boneco, do imaginário popular maranhense ao teatro**. São Luís: SESC, 2006.

COELHO, Ângela Maria Escudeiro Luna. **Casimiro coco de cada dia- botando boneco no Ceará**. Fortaleza: EMEPH, 2007.

CORDEIRO, Sandra Maria Barbosa. **Anotações no caderno de campo sobre o Casemiro Coco**. (não publicado) São Luís, 1990 a 2006.

FURTADO, Maxlow Carvalho. **A arte do Casemiro Coco - uma visão lúdica do espetáculo Maria**. Monografia / UFMA; São Luís, 2006.

PIMENTEL, Altimar. **O mundo mágico de João Redondo**. Rio de Janeiro: MINC/FUNDACEN, 1988.

PIMENTEL, Altimar. **Teatro de raízes populares II**. João Pessoa: edição do autor, 2005.

PIMENTEL, Altimar. **Teatro de raízes populares**. João Pessoa: edição do autor, 2003.